



Entrevista coletiva concedida pelo Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante jantar com a bancada do PT

Brasília-DF, 24 de abril de 2007

Presidente: Como vocês perceberam, eu vim a nado. Só quero dizer para vocês que esta é a segunda reunião que eu faço com os partidos políticos. A primeira vocês participaram, e foi com o PMDB, esta é a segunda, com o PT. E, a partir da próxima semana, eu farei reuniões com todos os partidos que compõem a base do governo no Congresso Nacional. E isso se faz necessário porque nós temos uma coalizão, possivelmente uma coalizão muito bem organizada, em que os partidos estão com a disposição de atender as necessidades do País e votar as coisas importantes que nós estamos mandando para o Congresso Nacional. A Câmara deu uma demonstração de extraordinária competência ao votar praticamente todas as medidas do PAC, elas agora estão no Senado. E vai chegar um outro pacote de medidas para a Câmara, a maioria como projeto de lei, que são as medidas que vão mudar a educação no Brasil, que foram anunciadas hoje.

E possivelmente nós teremos, no próximo mês, medidas novas sobre a questão das políticas sociais, medidas novas sobre a questão da política de segurança. E assim nós vamos fazendo um jogo combinado com o Parlamento, para que as coisas que são prioridade no Brasil, necessidades primeiras do Brasil, sejam votadas, eu diria, com uma certa urgência e com uma certa competência, como a Câmara deu demonstração no PAC.

Jornalista: Presidente, está todo mundo afinado com o senhor, está todo mundo sem gravata como o senhor. O senhor acredita que o PT também está afinado com o senhor?



Presidente: Veja, primeiro, tem muita gente de gravata, porque os parlamentares estavam votando e obviamente que eles não tiveram o privilégio de ir em casa, como eu fui. Segundo, o PT sempre esteve afinado comigo, eu sempre estive afinado com o PT. As divergências que muitas vezes aparecem entre o Presidente e o PT, entre o PT e o PT, fazem parte da história do PT. Quem acompanha a história do PT e vê como nós nascemos, os problemas que nós tivemos, as brigas internas e as disputas internas... o que muitas vezes parece absurdo aos olhos de um leitor que lê uma matéria sobre as divergências do PT, para nós o PT só aparece como um exercício da democracia, levada às suas últimas conseqüências, sempre foi assim e é importante que continue sendo assim.

Quando eu faço coalizão com um partido político eu não peço aos partidos políticos submissão ao governo, eu peço aos partidos políticos compreensão para aquilo que é importante. Muitas vezes, os projetos que nós mandamos ao Congresso Nacional sofrem transformações, algumas vezes para melhor a transformação, já aconteceu muitas vezes, outras vezes para pior. Quando é para pior, o presidente da República tem o direito de vetar. Muitas vezes, eu consulto o Presidente da Câmara, consulto os líderes dos partidos, muitas vezes eu veto porque não foi uma votação que teve unanimidade. Se ela tiver unanimidade, é muito mais difícil vetar, porque aí você estaria contribuindo para romper um pacto feito entre as lideranças dos partidos.

Jornalista: Presidente, algumas correntes do PT reclamaram de uma falta de distribuição equilibrada nos cargos do governo federal, dentro do partido. O Campo Majoritário estaria tendo (inaudível). O senhor vai tentar...

Presidente: Veja, primeiro, não é verdade. Segundo, eu não discuto cargo dentro do governo, eu discuto Ministérios. Os partidos têm os Ministros da



área, e que os partidos se reúnam e discutam. É importante saber que não cabe aos partidos indicarem pessoas para cargos administrativos, se as pessoas não tiverem uma combinação da competência técnica que precisa o Estado, para ser administrado. Então, se alguém está se queixando, eu lamento profundamente.

Jornalista: Presidente, o senhor pode comentar a decisão do TSE?

Presidente: Eu não sei, querida, eu não sei da decisão do TSE.

Jornalista: O TSE votou pelo arquivamento.

Presidente: Mas pelo fato de eu não saber, prefiro não comentar.

Jornalista: O que o senhor acha que o Brasil precisa na área de segurança?

Presidente: Muita coisa. Eu tenho em mente que a questão da segurança pública não é apenas um problema de polícia. Eu vejo e tenho pensado, tenho estudado, criei um grupo de trabalho, determinei aos Ministros que cuidam da área da juventude, no meu governo, e das políticas sociais, que é preciso estabelecer uma discussão, não apenas para fazer um diagnóstico do que acontece na questão da violência, no Brasil, mas para que a gente descubra, concretamente, que não é apenas a questão da pobreza, como alguns falam, porque senão nos Estados Unidos não aconteceria a barbaridade que acontece com setores médios.

O que nós estamos percebendo no Brasil é que, primeiro, é preciso despertar na juventude brasileira uma razão da própria juventude, despertar uma utopia na juventude, despertar uma esperança na juventude, que passa pela educação, que passa pelo emprego, mas que passa, sobretudo, pelo fato



de que é preciso agregar a família brasileira. Ou seja, na medida em que há uma desestruturação da própria estrutura familiar, levada por “n” motivos... nós vemos os jovens, aí, sem o emprego necessário, sem a oportunidade de estudar, eles ficam uma presa muito fácil para as ofertas do crime organizado, da criminalidade. Então, cabe a nós pensarmos. Eu tenho dito que o Estado, sozinho, não vai resolver esse problema, é preciso que a sociedade se compenetre da sua responsabilidade. É, um pouco, o que nós falamos da educação, hoje. Não é apenas resolver o problema das crianças que nascem hoje, essas já estão mais ou menos garantidas. O problema é resolver a situação e o estoque que essa nossa geração herdou, pelo acúmulo de descaso feito durante 30 anos neste País, que gerou uma imensidão de jovens sem expectativas, jovens de 14, de 15 a 24 anos, meninas de 15 a 17 anos que desistiram da escola porque já se tornaram mães. Ou seja, é um problema tão grande que ultrapassa o limite de um governo, pelas suas vias institucionais, resolver.

Então, é preciso um desafio para envolver o governo federal, estadual, municipal, igrejas, sindicatos, sociedade civil como um todo, porque todos nós, no fundo, no fundo, temos um “quezinho” de responsabilidade com as coisas que acontecem no Brasil. Então, eu penso que esse é um problema extremamente delicado. Nós não iremos resolver o problema do jovem que está marginalizado sem que a gente resolva, conjuntamente, o problema da família desse jovem. Aí, passa por tudo que você possa imaginar, passa pelos nossos gestos, pelos nossos atos, passa pelos meios de comunicação, passa pelos filmes, passa pela educação. É um problema que eu quero fazer com que ele se transforme num problema a ser debatido pela sociedade brasileira, e todo mundo com uma co-responsabilidade.

Jornalista: (inaudível)



Presidente: Primeiro, eu mandei uma medida provisória extinguindo o jogo do bingo no Brasil. Lamentavelmente, ela foi derrotada no Senado e eu não pude fazer mais nada. Agora, a Polícia Federal está apenas cumprindo a lei existente, a lei proíbe a existência de máquinas. Se existe uma lei, a Polícia Federal tem o papel de tentar fechar as casas que têm máquinas. Eu acho que a Polícia Federal tem o seu papel. E acho que a questão da CPI, o companheiro perguntou da CPI, é um problema do Congresso Nacional. O Congresso Nacional é que sabe a hora de fazer, a hora de parar, a hora de não fazer, o que vai investigar. Não é um problema do Poder Executivo. No mais, bom jantar para vocês.